

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SANDRA MARA PEREIRA DE SOUZA TREVIZAM
RA 028155

PROFESSOR E APRENDIZ

VINHEDO

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SANDRA MARA PEREIRA DE SOUZA TREVIZAM
RA 028155

PROFESSOR E APRENDIZ

"Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia."

VINHEDO

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

T729p Trevizam, Sandra Mara Pereira de Souza
Professor e aprendiz : memorial de formação / Sandra Mara Pereira de
Souza Trevizam. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-706-BFE

“A todos os professores que ainda acreditam na educação e não cessam em aprender, sempre!”.

AGRADECIMENTOS

“Á minha mãe, minha maior incentivadora, que em sua simplicidade, nunca mediu esforços para oferecer estudo a seus filhos”.

“Aos meus filhos Edgar e Laís, pelo apoio, pela compreensão e colaboração durante minhas ausências”.

“Ao meu marido, que mesmo não me apoiando, acabou por me dar forças para seguir em frente, e concluir o que me propus a fazer”.

“Á todos os professores e alunos que passaram pela minha vida e aos que virão!”

“Ás minhas colegas de grupo, pois estamos juntas desde o princípio”.

“A Deus, que esteve comigo mesmo quando todos estavam ausentes!”.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa. Por isso
aprendemos sempre. Paulo Freire.”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1. REMEMORAÇÃO	02
2. SEXUALIDADE	06
2.1 Relações de gênero	07
2.2 Sexualidade e Infância	09
3. ENTENDIMENTO HISTÓRICO	11
4. APRENDER BRINCANDO	14
5. PROFESSOR – GESTOR - PROFESSOR	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

APRESENTAÇÃO

Uma sequência de assuntos temas e casos me vieram à memória quando iniciei a escrita do meu Memorial de Formação.

A cada semestre, as dúvidas eram maiores com novas matérias, mais informações e vontade de contar sobre tudo! Assim, pensei em citar todas as matérias que tive no curso de Pedagogia, no entanto, depois de sentar e escrever meu Resumo Prévio Expandido percebi a necessidade de redimensionar minhas idéias e meus guardados para não me perder em tantos assuntos e acabar deixando algo de muito importante por dizer...

Busquei então resgatar dentre os meus guardados, algumas situações - problema, que muitas vezes se transformaram em obstáculos superáveis e decepções passageiras. Penso, porém que tudo ocorreu como algo necessário para me “ensinar” a observar e transformar minhas próprias ações como professora – estudante – professora. A Graduação me ajudou a repensar práticas, opinar sobre as teorias, sair do senso comum e passar a “ver em si o que se vê no outro”!

Não vou dizer que foi uma jornada fácil e tranquila. Tive que lutar contra o cansaço do dia-a-dia, a incompreensão do marido, conciliar uma jornada dupla de trabalho com a terceira jornada na faculdade, noites mal dormidas para poder terminar leituras e trabalhos e mais uma série de empecilhos que surgiram no decorrer do curso e por muitas vezes me levaram a pensar em desistir...

Hoje, passado todo esse tempo, praticamente formada, chego a me emocionar ao relembrar as palavras da professora Elizabete Pereira, em sua aula magna, nos dizendo sobre sua satisfação em nos encontrar agora neste final de curso, prestes a nos formar. É tudo muito gratificante. Com certeza todos nós colheremos os frutos deste esforço e desta dedicação...

REMEMORAÇÃO

Como é difícil falar da nossa própria vida e principalmente escrever sobre ela. Às vezes nos leva a recordar acontecimentos não muito agradáveis que podem até nos fazer sofrer; mas, vamos lá...

Será necessária uma lembrança um pouco mais extensa para que eu possa me fazer entender em algumas situações.

Nasci em São Paulo em 14 de abril do ano de 1966, onde passei os nove primeiros anos de minha infância, e iniciei minha vida escolar.

Minha mãe sempre trabalhou fora e quem cuidava de nós (eu e meu irmão dois anos mais novo) era minha avó Dolores e sua irmã Francelina, a quem carinhosamente chamávamos de Dinha, pois era madrinha de meu pai e ele assim a chamava.

A Dinha era solteira e tinha a nós como seus netos. Era uma pessoa maravilhosa, que devido à necessidade de trabalhar desde muito cedo, nunca frequentou a escola, no entanto, possuía muitos livros em sua estante, lia muito, escrevia muito e tinha uma letra simplesmente maravilhosa! Hoje, penso que ela deveria ser uma dessas pessoas a quem chamamos de autodidatas.

Essa sua dedicação à escrita e à leitura foi o que sempre me incentivou e me impulsionou a ler e escrever desde a mais tenra infância e com sete anos já alfabetizada, ingressei fascinada na 1ª série, onde tive uma professora igualmente fascinante!

A escola, aliás, lembro-me até hoje de seu nome: Instituto de Ensino Estadual Professor Ennio Voss, a professora Rosa era a típica professora Helena do seriado Carrossel do SBT, lembra?

Ah! Eu amei aquela escola e sonhei por várias vezes que estudaria lá até o colegial! Adorava os dias de aula de Educação Física, pois tínhamos que ir para a escola com aqueles shorts vermelho “balãozinho” e saia branca de preguinhas. Não havia roupa mais linda do que aquela!

Tudo correu perfeitamente na 1ª série, no entanto, na 2ª a coisa foi bem assustadora, a começar pelo nome da professora: Cypriana. Ela era totalmente fechada com os alunos, olhava-nos por cima dos óculos enormes, dava reguadas na mesa e não deixava ninguém ir ao banheiro antes do recreio. Era um desastre, sempre fazíamos xixi nas calças dentro da sala, nesse caso então, ela gritava conosco e ficávamos mais

envergonhados ainda (talvez seja por isso que meus alunos nunca tenham precisado “pedir” para ir ao banheiro, sempre os deixei a vontade para tal). A situação era mais triste quando encontrávamos a professora Rosa pelos corredores da escola, sempre meiga, gentil dizendo que sentia saudades de nós! Eu chorava muito e desejava ter repetido o ano só para continuar com a professora Rosa! Foi um ano de tortura, mas passou logo.

Minha avó materna morava em Atibaia e mudou-se para Vinhedo. Por várias vezes viemos visitá-la até que um dia meus pais compraram um terreno aqui e resolveram se mudar.

Mudamos-nos para Vinhedo em 1974, eu, meu pai, minha mãe, meu irmão e minha avó. A Dinha faleceu poucos meses antes da mudança.

A escola aqui era no bairro, eu ia andando (lá em São Paulo era tão longe que utilizava transporte escolar) e achava ótimo. Só havia salas de 1ª a 4ª série, depois os alunos deveriam se locomover até um outro bairro para concluir de 5ª a 8ª série, mas quando estávamos prestes a concluir a 4ª série o Governo do Estado liberou verbas para ampliação da escola e a cada ano foram aumentando uma sala e uma nova série até a 8ª.

Minha turma foi a primeira turma de 8ª série a se formar na Escola Estadual de Primeiro Grau da Vila João XXIII!

Ao me formar surgiu a dúvida: “O que vou fazer agora?” Eu queria ser aeromoça, preenchi aqueles papéis que jogavam de aviões antigamente (que palavra forte) e até marquei entrevista, mas minha mãe, meio relutante, tinha medo de me deixar estudar longe (ainda estava com 14 anos), não tínhamos condução própria, telefone, nada, para um caso de emergência. Minha mãe sempre foi uma mãe muito preocupada e dedicada a nós, mesmo trabalhando fora e eu também não gostaria de ter saído de perto dela que sempre foi mãe e pai para nós, pois meu pai sempre foi ausente na criação dos filhos; tinha problemas com alcoolismo, e minha mãe sempre procurou suprir com muito carinho e descontração todo o sofrimento que passava ao lado de meu pai.

Pois bem, eu e uma amiga fomos nos inscrever no Magistério da Escola Estadual de Segundo Grau Professor Cyro de Barros Rezende na cidade de Valinhos. Conheci mais alguns professores maravilhosos: Marilda de Psicologia, Neusa de Filosofia, Bete de Biologia e tantas outras... Aos poucos, estava gostando daquilo tudo e acabei esquecendo a carreira que queria ter nas alturas!

É estranho porque mesmo com tantos exemplos bons em minha escolaridade, a carreira de professora nunca foi uma opção presente em minha vida.

Estava no 3º ano quando fiz minha inscrição na Prefeitura de Vinhedo para voluntária na creche perto de casa e também me inscrevi como estagiária na escola onde havia estudado até a 8ª série. Como eu morava perto da escola, toda vez que faltava uma professora de 1ª a 4ª série, a secretária da escola ia me chamar em casa para substituir. Na creche, eu ia os outros dias. Ajudava a cuidar das crianças desde o berçário e às vezes substituí alguma professora que faltava.

No 4º ano fui chamada para assumir uma sala de Jardim, crianças de três anos na creche e aceitei. Trabalhava de manhã, estudava a tarde e ainda substituí a noite no Mobral (nossa isso é antigo!).

Preciso relatar que, no primeiro dia de aula, eu estava muito feliz com a sala e com a oportunidade que havia me dado, pois algumas daquelas crianças eu já conhecia do berçário. Pois bem, tudo pronto, eu ali para mostrar tudo o que eu havia “aprendido” nos estágios por um ano “inteiro”. Isso tudo não valeu nada no momento em que o Sérgio, um lindo garotinho de 3 anos, me deu um chute na canela e saiu correndo atrás da mãe, pois não queria ficar na creche, era seu primeiro dia.

Ele saiu correndo atrás da mãe dele e eu larguei tudo lá e saí chorando. Queria minha mãe também.

Uma amiga minha que já trabalhava na creche há algum tempo conversou comigo e me perguntou: *“Você vai desistir assim? Com o primeiro obstáculo que encontra? Volta lá e conquista esse garoto!”*.

Voltei, conquistei e fui conquistada.

Então me formei no Magistério em 1984, e nunca mais voltei a estudar, fiz muitos cursos de formação continuada, sempre presto concursos para me atualizar. Sonhei em fazer um curso superior, mas o fato é que, assim que me formei já me casei e logo nasceu meu primeiro filho. Quando ele estava com quatro anos tive minha filha e o tempo foi passando. Os filhos cresceram e a prioridade em se gastar com os estudos passou para eles.

Surgiu o vestibular da Unicamp, através do convênio com a região metropolitana e pensei: “Para quê vou prestar vestibular agora se logo me aposento?”, pois, sou professora efetiva da rede Municipal de Vinhedo há vinte anos... Mas meus filhos ficaram eufóricos quando viram meu nome na lista de classificados, e pensei novamente: “Por que não?”, “Nunca é tarde para aprender!”. Hoje estou aqui, escrevendo o MEU Memorial de Formação!

Agora, tenho certeza de que voltei a estudar no momento culminante de minha carreira, onde tentava ser mais comedida e pensar mais, muito mais antes de falar. Sempre fui muito expansiva, falo bastante (às vezes até demais), não escondo meus sentimentos, sou exatamente aquilo que pareço ser! Fico indignada com o descaso em que se encontra a educação, com o sucateamento em que observamos nossas escolas, a desvalorização do professor, a política manipuladora de pessoas e de idéias, o que é pior!

Hoje, depois de passar por cinco semestres do curso de Pedagogia, consigo sim ser mais comedida, mas meus argumentos são pautados em idéias já existentes de alguns autores, pensadores e clássicos que venho conhecendo, estudando e me ajudam a elaborar melhor o meu falar, pensar e agir... Desta forma tenho conseguido formar critérios mais finos de compreensão e diálogo, ações e reações, teoria e prática no meu cotidiano de professora e aprendiz!

SEXUALIDADE

Nunca havia pensado na possibilidade de falar sobre sexualidade com meus alunos de pré - escola, com idade entre cinco e seis anos. Não que nunca houvesse tido oportunidade para isto, ou que não tivesse surgido nenhuma situação, mas, eu sempre fingia que não via, ou tentava mudar os rumos das conversas, da situação...

Pois na aula de Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade com a professora Alexandra, vi que sexualidade não é um tema que envolve somente sexo. Na educação infantil, a educação sexual não é tema gerador a ser abordado em sala de aula de forma explícita, no entanto ele aparece no trabalho com corpo humano, higiene, saúde, pensamentos e sentimentos.

Vimos que, apesar de termos fortes manifestações acerca da sexualidade (carnaval, bailes tipo funk, outdoors, televisão, revistas etc.) em nosso país; temos muita dificuldade em abordar tal assunto na escola e muito mais em problematizá-lo entre nossos alunos.

“No Brasil, nas últimas décadas do século XIX, o espaço familiar e a escola se transformaram em ambientes de formação dos filhos por meio de educação dos seus corpos e, principalmente, de uma educação do sexo, que passava pelo não-dito, pelo falar o mínimo possível e pelo controle do que era falado, de quem falava e onde se falava” (Camargo &Ribeiro, 1999, p.24).

Quero esclarecer que, o que no princípio era para ser uma simples abordagem sobre a identidade da criança, passou a ser tema de abordagem em meu memorial por ter se tornado polêmica na sala.

RELAÇÕES DE GÊNERO

No ano passado, surgiu em minha sala, o fato de um aluno chamar o outro de “mulherzinha”, simplesmente pelo fato deste aluno brincar na casinha com as meninas. Confesso que, se fosse há outros tempos, talvez só chamasse a atenção deste outro aluno e a história acabaria aí.

No entanto, aproveitei a situação e resolvi mudar minha conduta, trouxe para todos da sala, o tema: “Coisa de menino, coisa de menina... Será?” e acabei realizando um pequeno projeto com eles.

Consegui abordar o tema de forma simples, com bastante segurança. Sugeri algumas brincadeiras para as meninas que são consideradas de meninos e concluímos que elas não se constrangem com isso e até gostam de brincar, ao contrário dos meninos que se recusavam a participar das brincadeiras consideradas femininas, como a “casinha”, por exemplo. Discutimos sobre os times de vôlei, basquete e até de futebol feminino. Falamos sobre o papel do pai na família, só porque é homem, então não poderia carregar seu filho no colo? Com muito diálogo, acabamos conversando sobre tudo que é relação de gênero, no aspecto social e afetivo.

Ao final do ano letivo, a maioria dos meninos brincava de casinha com as meninas sem qualquer tipo de constrangimento.

Pude perceber claramente que, quando dizem que, brincadeira de bola é só para meninos, e casinha é para meninas, nada mais é do que o preconceito que a sociedade dita, e a própria família incute na criança, pois um aluno, o Rafael, chegou a comentar que o pai havia dito que brincar de casinha não era brincadeira de “macho”, não ia brincar de casinha “nem morto” porque ia ser caminhoneiro como o pai; mais uma vez vemos aí o adulto idealizando a criança. Por muitas vezes o Rafael ia brincar na casinha e se alguém olhasse para ele, imediatamente respondia que estava ali só olhando e mexendo, mas não estava brincando!

Ao ler Camargo e Ribeiro durante as aulas de Saúde e Sexualidade, percebi como somos levados a exteriorizar comportamentos que nada mais são do que reflexos de nossa história cultural social e familiar, não esquecendo do “controle do comportamento exercido pela sociedade por meio de suas diferentes instituições-família, escola, igreja. (1999, p.34)”. Tem sido muito difícil romper com as barreiras da

sociedade da qual também me afetou durante toda a vida, mas, já foi uma vitória conseguir abordar o assunto e conseguir criar na sala um ambiente em que haja espaço para as diferenças serem respeitadas.

SEXUALIDADE E INFÂNCIA

Neste início de ano letivo, novamente em uma sala de Educação Infantil com crianças de seis anos, um dos temas do planejamento era sobre o eu, o nome, identidade, quando eu nasci...

Parte de minha estratégia foi a demonstração de uma fita de vídeo: “As maravilhas do corpo Humano”, em que mostra a evolução desde o feto na barriga da mãe (este mesmo vídeo acabou gerando uma outra polêmica na sala, que relatarei em meu próximo tema).

Na fita de vídeo não mostrou o parto, mas algumas crianças perguntaram: “Ué, mas como saiu o nenê da barriga?” e eu respondi que às vezes era preciso cortar a barriga! Essa resposta foi suficientemente boa para a maioria, menos para o Victor, que, em casa perguntou para a mãe: “Se não cortar a barriga da mãe, por onde é que nasce o nenê?”.

Dá para imaginar que uma mãe com apenas 25 anos, tenha ficado “chocada e horrorizada” (palavras da mãe) com a pergunta do filho de seis anos? Pois foi o que aconteceu. O Victor é um aluno muito inteligente, tranquilo, no entanto é curioso e necessita de respostas claras para saciar sua curiosidade e minha resposta não foi clara para ele, que buscou a resposta na mãe e acabamos (eu e o Victor) sendo bombardeados por ela.

Procurei mostrar a mãe que o assunto deve ser tratado com mais naturalidade em casa para que a criança sinta-se confortável em conversar sobre isso com as pessoas de casa e não busque informações distorcidas com outros, no entanto a mãe foi enfática ao dizer que não quer falar sobre isso com o filho e não quer tê-lo questionando-a em casa, disse também que as informações que passa a ele são suficientes para a idade dele, (como se ele e todas as outras crianças de seis anos fossem iguais em pensamentos e ações). Percebi claramente que a mãe, no auge de seus 25 anos de experiência com seu único filho, crê na possibilidade dele seguir tão somente aquilo que ela ditar a ele por toda a vida.

Vale lembrar aqui uma passagem da Pedagogia Profana de Larrosa:

“Na medida em que encarna o surgimento da alteridade, a infância nunca é o que sabemos (é o outro dos nossos saberes), mas, por outro lado, é portadora de uma verdade à qual devemos nos colocar á disposição de escutar, nunca é aquilo aprendido pelo nosso poder (é o outro que não pode ser submetido)... com uma demanda de iniciativa que não aceita a medida do nosso poder.. (2003, p189).”.

A partir disso, podemos discutir: realmente, a infância é algo enigmático que nos coloca em xeque. Não podemos pensar que a criança pode ter suas idéias e pensamentos dominados por outro, no caso, o adulto, pois ela é única e não pode ser tudo o que desejamos e projetamos para ela.

Volto a dizer que, não é fácil abordar alguns assuntos na escola, porém, ninguém nunca me havia dito que o seria.

ENTENDIMENTO HISTÓRICO

Nesta mesma sala de aula, ocorreu que uma das alunas comentou que eu havia sido professora da sua irmã que hoje está com quatorze anos e me trouxe uma foto desta época. Acabei comentando na roda de conversa, que também já havia sido professora da mãe do aluno Pedro Henrique, quando ela ainda estava na pré-escola. Foi então que eles ficaram mais aguçados, como é que eu havia sido professora da mãe do Pedro, se ela já é grande?

Foi difícil explicar a eles que a mãe do Pedro não havia nascido deste tamanho e com esta idade. É preciso lembrar que, praticamente cresci neste bairro e sempre morei aqui; portanto já iniciei o meu legado em lecionar para várias gerações de uma mesma família – irmãos, tios, primos – e agora começam os filhos de ex-alunos, sempre digo nas reuniões que *não estou e nem sou velha, mas é que comecei minha carreira muito cedo!*

Nesta altura dos acontecimentos e da *história*, até eu já estava perdida neste *passado e neste tempo histórico...* Estava cada vez mais difícil para eles também entenderem que além de eu ter sido professora da Adriana (mãe do Pedro) ainda tinha outro fator: ela está grávida.

Foi então que, usei aquela fita de vídeo citada anteriormente para mostrar e comentar que no princípio, todos nós fomos fetos. Levei para a escola, fotos de quando eu era criança e pedi que eles trouxessem fotos deles quando nenê. A partir daí as coisas pareciam ficar mais claras para eles.

Ao iniciar este trabalho, lembrei-me das aulas de Teoria Pedagógica e Produção em História com a professora Mariana, onde num texto de Piaget pudemos conversar e discutir sobre as relações que a criança faz acerca do passado e de sua história. Como é difícil para a criança nesta idade elaborar este passado e relacioná-lo com o seu tempo (acontecimentos e fatos) histórico.

Utilizei várias estratégias para fazê-los compreender a questão do tempo em nossas vidas, poesias, histórias, fotos e músicas foram importantes aliados neste momento.

“Bisazinha”

*Minha avozinha, tão franzidinha,
quem te secou?*

*Foi o vento meu netinho,
foi o vento que ventou...*

*E o seu cabelinho, assim tão branquinho,
quem branqueou?*

*Foi a vida meu netinho,
foi a vida que durou...*

*E as suas mãos bisazinha, tão arqueadas,
quem enrugou?*

*O trabalho meu netinho,
o trabalho que ocupou...*

*E a sua vidinha, tão compridinha,
quem foi que levou?*

*Foi o tempo, meu netinho,
foi o tempo que passou...*

Pedro Bandeira

Paralelamente a este trabalho, a Rede Municipal de Educação implantou um projeto que deverá ser abordado por toda a rede: “Vinhedo que temos e Vinhedo que queremos” e nossa escola resolveu enfocar áreas de lazer; desta forma iniciamos com pesquisa aos pais sobre as áreas de lazer que eles freqüentavam quando crianças, sendo que eles deveriam escrever e conversar com seus filhos sobre o que escreveriam. Ao

retornarem para a escola com as respostas dos pais as crianças comentavam com mais naturalidade sobre os locais de brincadeiras de seus pais, que em sua maioria ainda são os mesmos que seus filhos freqüentam hoje.

Como citado no livro: “Quanto tempo o tempo tem”, cada vez se faz mais necessário, proporcionar á criança:

“... oportunidade de ampliar seus conhecimentos a respeito da realidade que o cerca, não limitando a bairros, cidades, estados ou países ou ao presente, passado ou futuro, pois, para a criança, o lugar e a cronologia não são o mais importante, mas importa mais a causalidade entre os acontecimentos, a cadeia que se estabelece entre os homens de diferentes tempos e diferentes lugares. Isso constrói a noção de tempo histórico e, conseqüentemente, da História. (p.170).

Devo confessar que, ao finalizarmos a parte sobre identidade fiquei surpresa ao me dar conta que, acabei por aprender a abordar a “história” com meus alunos de seis anos. Passo a acreditar que este trabalho deva ser iniciado nesta fase da educação, que o professor deva realizar com a criança este resgate histórico de seu passado vivido, *porém não lembrado*, que nada mais é do que *sua* própria história.

APRENDER BRINCANDO

Após cinco semestres fazendo leituras e refletindo acerca deste assunto, pude parar e notar melhor o que a pré-escola tem feito com seus alunos, ao preocupar-se demasiadamente com os conhecimentos específicos em língua portuguesa, matemática, ciências e até mesmo com a “segunda língua”, (como foi o caso da rede municipal de Vinhedo por longos quatro anos) esquecendo-se da essencial necessidade que a criança possui em ser somente criança nesta época da vida.

Como citei em meus outros temas, vejo sim a importância de se iniciar com as crianças os estudos destas matérias desde a educação infantil, no entanto, isto não significa também furtar a criança de seu direito ao lúdico.

Temos percebido que, com o passar do tempo, as escolas de educação infantil têm se preocupado muito em preparar o aluno para “ler e escrever” e muitas são as que realmente alfabetizam as crianças nesta idade, deixando de lado o “brincar” por prazer e roubando assim sua infância.

Durante as aulas de Pedagogia da Educação Infantil, num texto de Marcellino (1990, 57) ele comenta que, o que vem ocorrendo “em nossa sociedade com relação à criança, é a impossibilidade de vivência do presente, em nome da preparação para um futuro que não lhe pertence” e continua, dizendo que “negar a possibilidade de manifestação do lúdico é negar a esperança” (*ibid.*, *ibid.*).

A partir daí, pude confirmar minha teoria sobre meu tema, que tem me levado a refletir desde o 2º semestre, onde, na aula de Pesquisa Educacional, elaborei um projeto com o tema: “A importância da brincadeira na Educação Infantil”.

Tudo estava dentro de mim como em ebulição, assim, bastou uma chance para poder colocar minhas idéias em prática. Com certeza, esta inquietação deve-se ao fato de ter repensado em todos os alunos que já passaram por mim e que, devido ao sistema educacional em vigor, tive que “reprovar” na pré-escola, “avaliar” a fase da escrita em que se encontra e elaborar gráficos para comparar com os avanços de outras salas e escolas... Isso é acima de tudo um crime para com a infância destas crianças e eu fui responsável de muitos destes crimes por muitos anos!

É preciso deixar claro que a brincadeira e o brincar não devem ser vistos como práticas para “matar o tempo”, pois, todos falam tanto do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), dos Direitos da Criança, do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil; e todos dizem o mesmo: o brincar é necessário, é direito da criança. É uma linguagem infantil que “favorece a auto-estima das crianças...” (vol. 1, p.27). A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Faz-se necessário reconhecê-la como atividade importante para a formação da criança como ser humano que é.

Não é novidade que, por muitas vezes somos *obrigados* a seguir ordens do sistema das quais, na maioria das vezes não concordamos. Acredito, porém que, hoje, com a graduação e com todo esse conhecimento, é chegada a hora de tomar nossa posição e colocar nossa opinião diante destes fatos, desta forma que os professores tornem-se os porta-vozes das crianças, diante do sistema educacional que cobra dele apenas brinquedos e brincadeiras caracterizadas como “educativos” e exigir o momento da brincadeira por prazer.

Por que a criança não pode brincar no parque livremente, sem ser analisada para coisa alguma? Por que não pode tirar o tênis e brincar descalça?

Não há como negar a aprendizagem através das fantasias do faz de conta, dos fantoches e marionetes; pular, saltar, arremessar, correr, dançar, andar..., brincando a criança também aprende novos conceitos, adquire informações e até mesmo supera dificuldades de aprendizagem.

No entanto, aqui também percebemos a influência histórica – cultural, onde ouvíamos de nossos avós e até de nossos pais “primeiro a obrigação depois a diversão”. Torno a lembrar Marcellino (1990), quando diz que ao ingressarmos na escola, estamos cumprindo uma obrigação na nossa vida. Como poderíamos então, explicar o fato da brincadeira acontecer no espaço escolar desta forma? Se durante anos escutamos que a escola “educa para o futuro” não haveríamos de brincar em “serviço”!

“... não importa o que a criança é, mas o que ela vai ser (E vivemos perguntando às crianças “o que você vai ser quando crescer?”, reafirmando-lhes a insignificância do que elas são hoje: crianças). A especificidade da infância, que é justamente a possibilidade de vivenciar o lúdico, é ignorada...” (OLIVIER, 1999, p, 19).

Tudo fica cada vez mais claro, a escola idealiza o sujeito, anuncia que educa para formar cidadão crítico, ciente de seus direitos, etc., etc., mas só depois de adulto; porque na infância ele deve se preparar para o futuro!

Preciso relatar aqui, um fato ocorrido no ano passado em minha sala de pré-escola, na rede municipal de Valinhos, (onde leciono em uma escola afastada do centro da cidade, com as crianças muito carentes, tranqüilas e extremamente afetuosas e carinhosas) quando, um dia, meus alunos estavam brincando na sala, cada qual numa brincadeira diferente: uns estavam no escritório, outros no faz de conta, outros na casinha de bonecas, outros na fantasia e minha diretora entrou na sala e perguntou-me: “Como você está agüentando este barulho?”; respondi: “Isto não é barulho, é brincadeira de criança”. Já haviam tido outras interferências dela em relação a isso, pois ela dizia que eles deveriam ser “educados” e “brincar em silêncio”! Alguém por favor, saberia me explicar como é brincar em silêncio.

Este ano essa diretora foi transferida de escola e outro diretor assumiu seu lugar. Outro dia, ele chegou a minha sala, num momento em que as crianças brincavam e disse: “Como é bom a gente ver as crianças brincando assim não é?”. Respondi com uma pergunta; “O senhor acha que está muito barulho?”. E novamente ele me surpreendeu: “Não, eles estão demonstrando que estão felizes!”. (No meu próximo tema irei descrever sobre estes dois perfis gestores).

É preciso proporcionar espaço e oportunidade para que nossos alunos voltem a criar e brincar... É preciso que a escola seja invadida pela alegria, como diz Snyders, e para que isso aconteça, é necessário que todos – professores, gestores e toda organização escolar - se conscientizem e façam valer os direitos da criança de ser apenas criança, e desfrutar desta infância, enquanto ainda são crianças!

Rubem Alves, em seu texto “É brincando que se aprende” nos deixa uma bonita mensagem acerca deste tema:

“Quem brinca sabe que a alegria se encontra precisamente no desafio e na dificuldade. Letras, palavras, números, formas, bichos, plantas, objetos (ah! o fascínio dos objetos!), estrelas, rios, mares, máquinas, ferramentas, comidas, músicas – todos são desafios que olham para nós e nos dizem: “Veja se você pode comigo!”. Professor bom não é aquele que dá uma aula perfeita, explicando a matéria. Professor bom é aquele que transforma a matéria em brinquedo e seduz o aluno a brincar. Depois de seduzido o aluno, não há quem o segure.”.

Acredito no ensino desta forma. Acredito na possibilidade da aprendizagem com alegria, com prazer...

Outro dia, a coordenadora pedagógica da escola, em Valinhos, me questionou sobre um vídeo que eu havia passado para as crianças: “Qual foi o objetivo deste vídeo”, (um desenho do Mickey, que há tempos eles vinham me pedindo). Eu respondi apenas que havia sido por “prazer”, pois eu acredito que o prazer das crianças também deva ser um objetivo!

O prazer e a alegria não se encontram em nenhum currículo escolar, em nenhum objetivo ou conteúdo de planos de curso, planos de ensino ou planos de escola (e tantos outros planos), no entanto, são sentimentos presentes no caminho das crianças.

Ainda há muito por fazer para se corrigir todo esse erro cometido com nossas crianças no decorrer do tempo, então, comecemos hoje...

PROFESSOR - GESTOR - PROFESSOR

Neste último tema, passo a refletir e pensar sobre a postura dos gestores pelos quais tenho passado. Será que todo gestor se esquece que um dia foi professor? E que pode voltar a ser sem nunca ter deixado de sê-lo?

Já mencionei que, ao entrar para a Pedagogia na Unicamp, nunca foi meu propósito a gestão (posso mudar de idéia), no entanto, vou continuar lutando para ser ouvida e se não houver espaço para isso, prefiro continuar dando aula, continuar com meus alunos, continuar na sala de aula, espaço onde consigo fazer aquilo que acredito.

No início do ano passado, fui convidada a assumir a coordenação em uma creche pequena em Vinhedo; aqui, este cargo é de confiança, escolhido politicamente e não exige um concurso. Logo ao assumir comecei a questionar algumas coisas sobre o funcionamento da creche: “por que toda criança *tem que dormir mesmo estando sem sono*? E se ela quiser ficar acordada, qual é o espaço em que ela poderá ficar? Se não tem vamos ter que arrumar um!”. Paralelo a isso, estava correndo o trâmite sobre o meu salário, como sou professora *antiga* na rede, tenho um adicional em meu salário e talvez não pudesse recebê-lo como coordenadora; isto ocorreu comigo e com uma outra amiga que também estava na mesma situação e que também tem postura questionadora.

Inclusive, acredito que tenham nos convidado para a coordenação, pensando que ficaríamos mais quietas, e isso não aconteceu... É lógico que não nos quiseram como coordenadoras – questionadoras, disseram-nos que iria demorar de um a dois anos para resolverem esta questão, então optamos por voltar para a sala. O fato de não quererem alguém questionando me ficou claro, a partir do momento em que conseguiram resolver a questão salarial de mais duas professoras na mesma situação que a nossa, no entanto como disseram na secretaria, “são quietinhas e não dão trabalho!”.

Digo que alguns gestores demonstram claramente o medo de perder o cargo, uns por questões financeiras, outros por status e outros até por acomodação (não me venha dizer que aceita humilhações e desrespeito do superior imediato apenas por amor ao que faz, ainda mais no caso de Vinhedo) acabam por se deixar calar devido ao fato de serem cargos nomeados politicamente “geralmente para atender conveniências e interesses políticos – partidários” (Libâneo, p.113), deixando-se colocar como representante

desses interesses e “inibindo seu papel de coordenador e articulador da equipe docente” (*ibid, ibid*).

Volto a dizer que, acima de tudo, o gestor não deveria se esquecer de que é um professor, e no caso de Vinhedo, onde não há concurso para esse cargo, ele poderá voltar a ser professor atuante em sala de aula, não deveria deixar que corrompessem suas idéias e ideais.

Este caso é só um entre tantos outros.

Apesar da busca incansável pelo diálogo e pela democracia dentro de nossa escola, às vezes me sinto impotente diante de tudo que tem ocorrido.

Durante as aulas de Planejamento e Gestão Escolar, vimos que o Projeto Político Pedagógico da escola deve ser construído por todos: diretor, professor, pais e alunos, de acordo com a realidade de cada escola, que o diretor de escola deve ser aquele que age também como líder nas relações humanas e dialógicas dentro da organização escolar. O que tenho visto na minha escola é um diretor centralizador que não tem diálogo, não pede a opinião do grupo, não aceita sugestões; quando pede nossa opinião, está sempre com sua decisão pronta para nos impor. Temos buscado alterar este quadro, pois ainda acredito que o “ser” é “humano” e passível de erros! Como somos cinco professoras que fazem a Pedagogia do Proesf na Unicamp, temos tido argumentos baseados no que temos estudado e lido durante o curso e isso tem amenizado um pouco a convivência.

No ano passado, tivemos também um impasse sobre a hora do parque, sempre acreditei que as crianças, em seus vários níveis, devem estabelecer relações de convivência e brincadeiras entre si. A coordenadora dizia que não; cada nível deveria ir ao parque em seu horário e jamais se encontrar uma turma com a outra. Ela alegava que as professoras iriam conversar e deixariam as crianças brigarem ou se machucarem! Qual é a concepção dela em relação a postura dos professores? Relapsos e irresponsáveis!

Lutamos, conversamos e com muita dificuldade acabamos por conseguir alguns dias de parque coletivo ou com duas turmas diferentes; nunca tivemos nenhuma briga ou criança machucada. Os grandes (do pré – seis anos) acabam por se tornarem responsáveis pelo bem estar e prazer dos pequenos (jardim II –cinco anos).

Além deste fator, percebo uma total insegurança em delegar funções. Não pede ajuda ou opinião de ninguém e retém tudo para si. Leva-me a pensar que, ou há incompetência ao redefinir papéis, (pois ficam em cinco pessoas na secretaria da escola se esbarrando e ainda fica sempre algo por fazer) ou há falta de confiança nos que a

cerca. Conforme pudemos tomar conhecimento nas aulas de Planejamento e Gestão, os diretores deveriam agir também como líderes nestas relações humanas dentro do ambiente escolar, devendo manter um clima positivo com consenso nos objetivos e métodos para manter a disciplina e solucionar conflitos de forma eficaz.

Logicamente, não vamos mudar a diretora, os pensamentos dela e muito menos o sistema ao qual ela “obedece”, mas, temos exigido que se promovam momentos de reflexão e questionamento diante das ordens que nos impõem, para que possamos ser ouvidas; sempre pensando em fazer da escola um ambiente prazeroso para todos: professores, funcionários e alunos, pois, como diz John Dewey *“O aprendizado se dá quando compartilhamos experiências e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de idéias.”*.

Na outra rede municipal em que leciono a antiga diretora não gostava de ouvir os burburinhos das crianças no momento da brincadeira (como citei no tema anterior) e isto me deixava muito impaciente e revoltada! Chegamos a discutir o fato de como seria possível que as crianças brincassem em silêncio, pois era isso que ela queria na escola! O brinquedo gira-gira do parque não deveria ter a função de girar; as crianças deveriam apenas sentar e virar vagarosamente. Fiquei indignada com tudo isso e me punha a questionar como ela havia sido professora? Os alunos deveriam ser todos máquinas robotizadas que só se moviam ao acionar um botão?

Ao trocarem de diretor este ano, por várias vezes me surpreendi com algumas atitudes do novo diretor em relação às crianças e descobri que, este diretor ainda leciona na rede municipal de Campinas para o período noturno, talvez este seja o fator pelo qual ele ainda esteja sensível á realidade escolar. Isto é, ele é diretor, mas não se esqueceu de ser professor. Percebe-se claramente que está ligado a seus alunos, e ainda aprende com eles a ser um gestor ciente de seu papel.

Como professores, somos preparados para geralmente avaliarmos tão somente a aprendizagem de nossos alunos, mas, deveríamos nos preparar para um outro desafio: avaliar a escola como um todo e como a gestão participa deste processo.

Acredito que caiba ao gestor - professor que é -, além de ouvir, mediar conflitos, administrá-los e encará-los como meio de crescimento do grupo, deva também dar abertura e respeito para que todos os funcionários possam criticar, opinar e sugerir, sem medo de represarias, afinal, a escola que almejamos não é a democrática? Dentro dela, todos somos educadores, professores e aprendizes!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que sentido tem o conhecimento se não o compartilharmos e aprendermos realmente com ele?

Que sentido tem a escola para nossos alunos se não for um local de relacionamentos harmoniosos?

Na verdade, em minha conclusão, nada concluo, pois sou consciente de meu estado de eterno aprendiz na educação. Penso que o ser humano é passível de erros como já disse, mas depende de nós querermos acertar mais do que errar.

Acredito no professor como educador que é, conhecedor e estudioso de idéias e tendo consciência de seus ideais, deva se posicionar, rever e mudar sua prática para recuperar nossa escola; discordar ou aprofundar-se nas idéias, o que importa é que saia da passividade...

A frase de Eduardo Galeano tem me acompanhado desde o primeiro semestre, (e acredito na veracidade destas palavras) a partir dela tenho me reconhecido nestes quase seis semestres de estudo e conhecimento compartilhado com os professores e assistentes pedagógicos da Graduação, buscando toda esta mudança e revisão em minha prática docente:

“Somos o que fazemos, mas somos principalmente, o que fazemos para mudar o que somos...”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. “*É brincando que se aprende*”. Disponível em <<http://www.rubemalves.com.br>> Acesso em: abril, 2006.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMARGO, Ana Maria; RIBEIRO, Claudia. S. “*Sexualidade(s) e Infância(s)*”. SP: Moderna. 1999.
- DE ROSSI, Vera Lúcia S. e ZAMBONI, Ernesta (Org.) “*Quanto Tempo o Tempo Tem!*”. Campinas, SP Alínea, 2003, 1ª ed.
- DEWEY, John. “*O Pensador que levou a prática para a escola*”. In: Revista Escola, Grandes Pensadores, Edição Especial, p. 25.
- LUCK, H e FREITAS, K. S. “*A Escola Participativa: O Trabalho de Gestor Escolar*” 4ª Ed., RJ: DP&A, 2002.
- KRAMER, Sonia; “*Infância, Cultura Contemporânea e Educação Contra a Barbárie*” In: BASÍLIO, L.C. KRAMER, S. Infância, Educação e Direitos Humanos. SP: Cortez, 2003.
- LARROSA, Jorge; “*Pedagogia Profana*”. Autêntica, 2003.
- MARCELLINO, Nelson C. “*Pedagogia da Animação*”. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- ----- (Org.) “*Lúdico, Educação e Educação Física*”. Ijuí, RS: Unijuí, 1999.
- PARO, Vitor Henrique. “*Gestão Democrática da Escola Pública*”. SP: Ática. 2002.
- PIAGET, Jean. “*Sobre a Pedagogia*”. SP: Casa do Psicólogo, 1998.
- SNYDERS, G. “*A Alegria na Escola*”. SP: Manole, 1988.
- WASKOP, Gisela. “*Brincar na Pré Escola*”. SP: Cortez, 1995.
- ZAMBONI, Ernesta; “*Concepção de Espaço na Criança*”. SP: Caderno CEDES nº 10, 1984.

